

PINGA-FOGO

■ **PALESTRA CONCORRIDA** - Já estão esgotadas as inscrições para a palestra “O olhar para o extraordinário: a experiência do luxo como estratégia”, promovida pela Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ) no próximo dia 4 de agosto, com o especialista Carlos Ferreirinha. A programação acontece das 9h30 às 11h30, na sede da ACRJ, com almoço de confraternização ao final da palestra.

■ **PARCERIA** - Referência no mercado de luxo e comportamento de consumo, Ferreirinha discutirá como o universo do luxo pode inspirar inovação, excelência e diferenciação no ambiente corporativo. O evento é uma realização da ACRJ em parceria com o Conselho Empresarial da Mulher no Ambiente de Negócios, presidido pela Dra. Michelle Novaes, que destaca a importância do tema também sob a ótica da liderança feminina. “Trazer um tema como o luxo como estratégia para o debate corporativo é uma forma de provocar reflexões sobre inovação, excelência e diferenciação — pilares que também estão na agenda da liderança feminina”, afirma Michelle.

■ **COMUNICAÇÃO REUNIDA** - Nos dias 6 e 7 de agosto, o III Congresso Nacional de Comunicação dos Tribunais de Contas (CNCTC) reunirá, no Rio, profissionais de comunicação de todo o Brasil, conselheiros, servidores públicos, jornalistas e estudantes para discutir o papel estratégico da comunicação institucional no fortalecimento da relação entre os Tribunais de Contas e a sociedade. O encontro acontece no Centro de Convenções Ribalta, na Barra da Tijuca.

■ Com o tema “Estratégia, Inovação e Diálogo com a Sociedade”, o evento tem como objetivo refletir sobre os desafios e as possibilidades da comunicação pública frente ao desconhecimento da população sobre as funções e a importância dos Tribunais de Contas. A proposta é identificar meios eficazes para tornar o trabalho dessas instituições mais compreensível, acessível e re-



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita

Secretário Igor Marques celebra aniversário em almoço com equipe e amigos no Rio

Fotos Rafael Campos

O secretário de Comunicação Social e Publicidade do Governo do Rio, Igor Marques, celebrou o aniversário de 32 anos, na última sexta-feira, em um almoço especial com sua equipe. Assessores de imprensa de diversas secretarias do Estado, profissionais de redes sociais e da Publicidade e amigos marcaram presença na confraternização. Mais de 100 pessoas participaram, em um restaurante próximo ao Palácio Guanabara, como já é tradição todo dia 25 de julho.



O secretário de Comunicação do RJ e anfitrião da festa, Igor Marques, ao centro, com o deputado Marcelo Queiroz (d) e Bernardo Egas (e)



Já é tradição todo dia 25 de julho a comemoração do secretário Igor Marques num restaurante próximo ao Palácio Guanabara



Na foto ao lado do amigo aniversariante, a sócia holding da FSB Comunicação, Gabriela Wolthers



O secretário Igor Marques com sua equipe de imprensa e digital do governo do Estado do Rio



A turma do Digital do GovRJ com o aniversariante Igor Marques

levantar para o cidadão comum. A entrada é gratuita, com inscrições limitadas que podem ser realizadas pela internet, através do site do CNCTC.

■ **CACAU** - O Festival do Chocolate de Petrópolis, na Região Serrana do Rio, iniciou sua segunda edição com números expressivos: mais

de 48 mil pessoas passaram pelo Palácio de Cristal entre os dias 25 e 27 de julho. Neste primeiro fim de semana, se destacou também a quantidade de chocolate comercializada: mais de 3 toneladas. O evento continua no próximo fim de semana, com programação a partir de sexta-feira (1º de agosto). A entrada é gratuita.

■ **IMPRESA EM LUTO** - A imprensa brasileira se despediu com pesar, nesta segunda-feira, do jornalista Marcelo Beraba, que morreu no último domingo, 28 de julho, aos 74 anos, no Rio de Janeiro. Um dos fundadores da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), Beraba foi peça-chave

na construção de uma imprensa mais ética, corajosa e comprometida com a verdade. Com passagens marcantes por veículos como O Globo, Jornal do Brasil, Folha de S.Paulo e TV Globo, deixou uma obra profissional e humana admirável, sempre pautada pelo rigor e pelo respeito ao leitor.

Fernando Molica

Todos seremos cobrados por Gaza

A passividade do mundo em relação ao genocídio em Gaza jogará nas nossas costas uma responsabilização comparável ao silêncio de boa parte da humanidade em relação ao Holocausto.

Aos olhos da História, praticamente todos nós seremos considerados cúmplices da tentativa de extermínio de um povo pela ação do governo de Israel, escolhido pela maioria dos eleitores do país.

Diante das cenas dos campos de concentração, todos os nascidos depois da II Guerra Mundial já nos perguntamos como a humanidade permitiu que tamanha brutalidade pudesse ter ocorrido. Não é absurdo prever que o mesmo tipo de questionamento será feito a todos nós, contemporâneos do que ocorre na Palestina. Seremos vistos como os que se omitiram diante das crianças famélicas de Gaza, do uso da fome como arma de extermínio em massa.

Não se trata de equiparar tragédias nem de, alguma forma relativizar o horror do nazismo e do assassinato em massa de judeus, de pessoas de outros grupos étnicos e religiosos, de adversários políticos, de homossexuais, a lista foi longa.

Mas, até pelo seu tamanho, tal barbárie virou uma referência, um ponto de inflexão, uma certeza de que nunca mais algo semelhante poderia ser admitido contra nenhum povo. Havia uma espécie de compromisso moral de jamais admitiríamos algo que trilha aqueles mesmos caminhos, que buscasse eliminar seres humanos apenas por sua origem, por sua identidade coletiva.

Desde pelo menos a segunda década do século XX, particularmente depois do fim do Mandato Britânico na região, e da criação de Israel, em 1948, que judeus e palestinos têm suas razões para acusações mútuas. Nas últimas décadas, os conflitos se acentuaram, incluem assassinatos, atos de terrorismo, sequestros, violação do direito internacional. Todos os que vivem por lá devem ser capazes de discorrer sobre mortos em suas famílias, vítimas de um conflito que parece não ter fim.

Houve expulsão de palestinos de seus territórios, incentivo estatal à ocupação dessas áreas por colonos israelenses, massacre de atletas judeus na Olimpíada de Berlim, ataque terrorista do Hamas em 2023 que gerou assassinatos e reféns. Cada lado é capaz de arrolar uma interminável lista de perdas.

Mas não se pode chamar de guerra o ataque sistemático de um país a um povo que sequer tem o direito de se organizar em um estado independente. A desproporção de forças, a matança de inocentes e o terrorismo de Estado, impedem qualquer tentativa de usar palavras para forjar um suposto equilíbrio.

É abjeto o governo israelense falar em criação de uma “cidade humanitária” em Gaza, algo que — inevitável pensar — remete aos campos de extermínio nazistas, aos letreiros que neles anunciavam uma suposta libertação pelo trabalho.

Israel, país nascido dos escombros do maior e mais terrível projeto de eliminação de um povo, não poderia permitir que sua atuação desse mar-

gem a qualquer tipo de referência ao que houve na primeira metade do século passado.

O massacre e a limpeza étnica israelense foram ontem chamados de genocídio até mesmo duas organizações israelenses de direitos humanos, a B’Tselem e a Médicos pelos Direitos Humanos (PHRI, na sigla em inglês).

Como mostrou o jornal O Globo, dois israelenses — o historiador Adam Raz e o sociólogo Assaf Bondy — lançaram um livro em que analisam o uso, em seu país, de uma linguagem que, como registrou reportagem do jornal ao desumanizar os palestinos e amenizar o que ocorre em Gaza, autoriza os crimes cometidos pelo Estado: expressões como “emigração voluntária”, “zonas humanitárias” e “animais humanos”. Palavras que atuam como a estrela amarela pregada nas roupas de judeus pelos nazistas.

Não é admissível também usar o argumento de suposto antissemitismo para carimbar as críticas a Israel, seria o mesmo que classificar de antigermanismo a condenação aos nazistas. Israel sempre se orgulhou de ser a única democracia do Oriente Médio, uma classificação que embute uma responsabilidade coletiva, que faz da maioria dos cidadãos do país avalistas e entusiastas de Benjamin Netanyahu. Mas isso não afasta a responsabilidade do resto do mundo, de todos nós.

*Ontem morreu, aos 74 anos, Marcelo Berab, o melhor jornalista que conheci. Ao longo de mais de 50 anos de profissão, ele ensinou muito, pra muita gente. Tive o privilégio de aprender com ele, e de ser seu amigo.

Tales Faria

Lula já discute retaliações ao tarifaço

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse a assessores que “não vai ter tarifação do [Donald] Trump sem resposta brasileira”. Lula afirma que o Brasil precisa “se dar ao respeito” e que é isso que ele fará, independentemente das pressões para ser mais flexível.

Ao mesmo tempo em que pediu estudos minorar estragos do tarifaço dos EUA, Lula determinou que sejam levantadas propostas de reação às medidas impostas por Trump.

Já há várias opções em discussão, mas nada está decidido. Parte do governo teme que uma reação dura promovia uma escalada na guerra comercial.

O presidente brasileiro resolveu esperar para ver o que Trump fará após o dia 1º de agosto, data estabelecida para início da vigência da nova tarifa de 50% sobre os produtos brasileiros.

Essa tarifa é considerada impeditiva para negócios: uma sanção mais do que comercial contra o Brasil. Trata-se de uma sanção política, já que Trump citou decisões da Justiça brasileira contra o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) como a motivação.

Em entrevista publicada neste domingo (27) no jornal inglês “Financial Times”, o assessor internacional da Presidência da República, Celso Amorim, disse que as atitudes do presidente dos EUA obrigam o Brasil a diversificar suas relações comerciais:

“O que está acontecendo está reforçando nossas relações com os

Brics, porque queremos diversificar nossas relações e não depender de nenhum país só.”

Ele ressaltou que o Brasil também pretende fortalecer vínculos com países da Europa, Ásia e América Latina.

Os diplomatas acreditam que a aproximação do Brasil com os Brics é que realmente motiva Trump a impor altas tarifas contra o país.

Para Trump, esse bloco tende a se tornar área de influência da China, a grande adversária dos EUA na geopolítica mundial. O ataque ao Brasil seria um recado ao grupo.

A diplomacia brasileira acredita que as dificuldades encontradas pela União Europeia com os EUA levarão aquele bloco a também diversificar seus mercados, buscando maior aproximação com o Mercosul e até os Brics.

Em termos de retaliações, assessores do presidente Lula especulam que poderemos romper patentes de produtos norte-americanos, ou estabelecer prazos mais longos para validação no país.

Também estão sendo estudadas medidas em relação às chamadas big techs. Países como Espanha, França, Itália, Canadá e Áustria instituíram modelos de imposto sobre serviços digitais das big techs.

Essas medidas desagradam o governo Trump, que as incluiu nas negociações para diminuir tarifas se as big techs forem poupadas. O Brasil colocaria a ameaça às big techs na mesa de negociação com os EUA.